

Teoria crítica, cultura visual e emancipação: uma análise interdisciplinar sobre a fotografia na sociedade global

Critical theory, visual culture and emancipation: an interdisciplinary
analysis of photography in global society

Marcos Abraão Ribeiro¹
olamarcos@yahoo.com.br

Resenha de SILVA, S. L. P. da. 2020. *Gozo estética na cultura visual: fotografia, memória e alienação social*. Rio de Janeiro, Appris, 121p.

A sociedade contemporânea é marcada por complexidade², pluralidade e dilemas que possuem dimensões globais e são responsáveis por fazerem com que sua caracterização seja fruto de disputas teóricas. Modernidade tardia (Giddens, 1991), modernidade líquida (Bauman, 2001) e modernidade global (Domingues, 2013) são algumas das denominações atribuídas à hodiernidade.

Embora não haja consenso sobre a designação do mundo atual, existe concordância sobre o alcance planetário dos desafios enfrentados pela sociedade global e sobre o papel central da informação. As redes sociais foram fundamentais para o desencaixe entre tempo e espaço (Giddens, 1991) e para influenciar as sociabilidades, sobretudo em torno do individualismo e do consumismo (Bauman, 2008).

Mesmo com as diferentes caracterizações, um ponto comum a conformar a contemporaneidade é o domínio pleno do sistema capitalista, tanto na dimensão material quanto na simbólica. No campo simbólico, essa influência manifesta-se através do individualismo exacerbado (Bauman, 2001), representado pela ideologia meritocrática que coloca o indivíduo como único responsável por seu sucesso ou fracasso. Isso pode ser visualizado no papel decisivo das redes sociais e de seus personagens centrais, como *influencer* e *coach*.

Nesse contexto de grande complexidade, o sociólogo Sergio Luiz Pereira da Silva traz uma obra que propõe uma leitura interdisciplinar e crítica sobre a cultura visual da sociedade capitalista contemporânea, bem como resgata o potencial emancipatório presente nas fotografias produzidas no início do século XX. Para tanto, Silva demarca esse potencial, no livro resenhado, por meio do diálogo com a teoria crítica de matriz frankfurtiana.

A teoria frankfurtiana demonstra como ocorre a dominação realizada pelo capitalismo e seus operadores. Do mesmo modo, traça caminhos para a desnaturalização desse domínio e para uma emancipação social que coloque a fotografia como instrumento que promove consciência crítica e transformação política e social.

A fim de alcançar seus objetivos, o sociólogo divide o livro em uma introdução e seis capítulos, cujos elementos centrais serão apresentados para, em seguida, serem feitas algumas considerações acerca da obra.

Na introdução, Sergio Silva apresenta o *modus operandi* da prática cultural referente às imagens digitais, cuja lógica está voltada para a circulação efêmera de um significativo volume de representações pela internet (Silva, 2020,

¹ Professor e pesquisador do Instituto Federal Fluminense (IFF), *campus* Campos Centro.

² Gostaria de agradecer a George Gomes Coutinho pela leitura da versão anterior desta resenha. Contudo é importante lembrar que as ideias defendidas nesta resenha são de inteira responsabilidade do autor.

p.15). Assim, foi criada uma relação entre fotografia, hiper-realidade e cultura visual, que funciona como dispositivo de poder e saber: "Com isso, a fotografia contemporânea se transforma em uma espécie de ação do olhar, que oculta para mostrar, recorta para compor e manipula para expor" (Silva, 2020, p.16).

Silva fornece também a definição de hipervisualidade, elemento central para sustentar a força da cultura imagética na sociedade contemporânea. Ela representa o *habitus* da cultura visual "(...) que se desenvolve como um processo de incorporação de formas práticas que incide no condicionamento sobre o que vemos, dentro de um fluxo de produção e exposição de imagens manipuladas sobre o real." (Silva, 2020, p.16).

Além de expor o conceito, o autor também demarca o caráter interdisciplinar do livro resenhado, balizado na interseção entre memória e fotografia e propondo uma ampla reflexão crítica de cunho emancipatório. Ademais, evidencia a perspectiva normativa do trabalho, que é recuperar o potencial analítico e transformador da teoria frankfurtiana, visto que defende que a fotografia pode mobilizar para uma consciência política dos sujeitos na esfera pública e gerar mudanças sociais e inovações através de um ativismo visual (Silva, 2020, p.18).

Por fim, Sergio Luiz Pereira da Silva apresenta seu entendimento interdisciplinar e recupera a perspectiva analítica e normativa da teoria crítica como fio condutor da argumentação desenvolvida nos capítulos do livro.

No primeiro capítulo, Silva enfoca a relação entre fotografia e memória e estética e reificação na cultura visual, ou seja, aborda o poder exercido pelas imagens na sociedade contemporânea no sentido de sua produção, sua circulação e seu consumo. O autor destaca que, em tempos de hipervisualidade, o estético sobrepõe-se ao ético (Silva, 2020, p.21), pois o registro das imagens torna-se mais importante do que os acontecimentos que estão sendo fotografados (Silva, 2020, p.24).

Ao passo que realiza um diagnóstico sobre o papel da fotografia como ferramenta de reificação social e de naturalização do domínio do capitalismo contemporâneo, Silva aponta um caminho alternativo para essa atribuição, através da relação entre teoria crítica, memória e fotografia, pois, como no caso de Walter Benjamin, poderiam ser articuladas, de maneira construtiva e transformadora, arte e política. Dessa forma, haveria condições de romper com o imaginário social efêmero, herdado da cultura visual das redes sociais (Silva, 2020, p.29-30). O autor sustenta, ainda, o potencial normativo presente na fotografia como instrumento de mudança política, já que ela traz a possibilidade de transformação na consciência do sujeito histórico (Silva, 2020, p.30).

Após apresentar um diagnóstico sobre o papel da fotografia no mundo globalizado e apontar um caminho de mudança social construtiva, o autor utiliza o segundo capítulo para analisar o impacto daquela na vida contemporânea. Antes, porém, demonstra como o discurso fotográfico foi legitimado pelo ideal imagético da verdade, isto é, a coisificação representacional da realidade. Isso porque esse retrato funciona como instrumento de controle e reprodução do corpo social moderno. Para sustentar a coisificação imagética da sociedade, Silva desenvolve

o conceito de *habitus* fotográfico exposto na introdução, que transforma esse registro em ação social do olhar:

A cultura visual fotográfica como habitus, forma incorporada da prática da ação visual como modo de sentir, pensar e agir no cotidiano, é culturalmente desenvolvida por um conjunto de indivíduos que se dispõem ao uso da fotografia como forma de ver e de estar no mundo. (Silva, 2020, p.43).

Nesse esteio, o sociólogo encerra o segundo capítulo chamando a atenção para o papel da discursividade visual da fotografia como face da produção de conhecimento (Silva, 2020, p.45).

Já no terceiro capítulo, o sociólogo define a cultura visual e apresenta a teoria crítica frankfurtiana em diálogo com a sociologia de Pierre Bourdieu como caminho para analisá-la em perspectiva crítica e produzir alternativas de alteração política.

A partir da sociologia bourdieusiana, Silva desenvolve um dos elementos mais significativos do livro resenhado – o conceito de *habitus* fotográfico –, a fim de apresentar, de forma sistemática, a reprodução reificada por meio da cultura visual. Ademais, o capítulo também oferece uma aproximação conceitual entre Paul Virilio, Walter Benjamin e Herbert Marcuse para demarcar o papel central da fotografia na colonização das mentalidades dos sujeitos e dos processos de reconhecimento da memória e do imaginário (Silva, 2020, p.55).

O autor apresenta o conceito de memória, pois, diferentemente da história, ela funciona como um processo de identidade seletivo e eletivo. Dessa forma, constitui-se um dispositivo discursivo de controle. Silva também relata como a maneira instrumental da visão levada a cabo pela ação social do olhar na contemporaneidade é essencial à construção de uma percepção estética alienada da vida em sociedade, fundamental para a reprodução da cultura visual no mundo globalizado (Silva, 2020, p.68).

O quarto capítulo versa sobre a relação entre fotografia e hermenêutica visual, reforçando que há um processo de interpretação estética quando ocorrem os registros imagéticos (Silva, 2020, p.70). A demarcação da necessidade de compreensão das intenções presentes nas fotografias é central para o autor sustentar a complexidade existente no ato de fotografar, uma vez que os indivíduos veem a partir de referências sociais e culturais (Silva, 2020, p.73). Do mesmo modo, ressalta a relação existente entre a linguagem fotográfica e o campo de poder, em que a fotografia deve ser encarada como um instrumento simbólico de dominação utilizado na cultura visual da sociedade capitalista contemporânea.

Para reforçar esse papel da fotografia, enfatizam-se a hipervisualidade e a necessidade de construção de uma leitura crítica que demonstre seu caráter instrumental como mecanismo de dominação. O objetivo, de acordo com a tradição da teoria crítica, é explicitar o lado emancipatório presente na fotografia e que é invisibilizado pela função que ela exerce na sociedade global. Ilustra-se, nesse sentido, pela lógica de funcionamento das redes sociais.

Esse capítulo, portanto, realça a dimensão da dominação consentida existente na cultura visual – representada pelo consumo das informações que estão associadas à função alienante na cultura visual. Isso ocorre, por exemplo, pela reificação da consciência crítica através das *fake news*.

O sociólogo termina defendendo a necessidade da constituição de um papel contra-hegemônico para a fotografia, de forma a ser utilizada como instrumento para mudanças educacionais, políticas e culturais (Silva, 2020, p.82). Em outras palavras, Silva defende que a fotografia deixe de ser utilizada com vistas ao mercado e passe a ser um mecanismo de aprendizado político para a transformação progressista da sociedade.

No quinto capítulo, Silva apresenta a relação entre fotografia, memória social e arte, demonstrando a similitude entre os campos, o que justifica uma análise crítica de caráter interdisciplinar (Silva, 2020, p.85). Sobre a relação entre as primeiras, o sociólogo afirma que:

Isso faz com que a fotografia e a memória sejam resíduos imaginados da realidade, recortes de um real projetado como representação. Nesse sentido, tanto a memória como a fotografia são suportes de representações a serem decodificadas (Silva, 2020, p.89).

Da mesma forma em que apresenta a possibilidade de análise interdisciplinar para a fotografia, Silva argumenta que a construção de artefatos visuais fundados na memória ganha uma função política de afirmação e reconhecimento. Assim como existe uma relação de proximidade entre fotografia e memória, aquela também deve ser pensada como um documento de arte (Silva, 2020). A partir da conexão entre os três ramos, portanto, o estudioso sustenta a possibilidade de a fotografia ser utilizada como um instrumento contra-hegemônico, ou seja, voltado para a emancipação social.

No sexto capítulo, o autor sustenta o lado normativo do trabalho ao focar a possibilidade de construção de senso crítico por meio da fotografia. Para tanto, expõe as propostas de criação fotográfica de Robert Capa e Cartier-Bresson, que representam o compromisso com a verdade, a autenticidade, a estética e a transformação social. Com as perspectivas apresentadas, Silva estabelece, pois, caminhos para a emancipação social através da fotografia, por meio de uma reflexão normativa em consonância com a tradição da teoria crítica frankfurtiana.

Convém destacar que o livro possui incontáveis méritos. O primeiro deles é a abordagem da fotografia a partir de uma perspectiva crítica e interdisciplinar, que faz com que o leitor tenha em mãos uma obra densa, teoricamente fundada e que se coloca como uma importante contribuição para as ciências sociais contemporâneas, sobretudo a sociologia e a memória social.

Nesse sentido, fornece condições para analisar como a fotografia é utilizada como instrumento de domínio do capitalismo sobre os comportamentos humanos. Ademais, sustenta que as redes sociais não são um espaço de liberdade e autonomia, pois funcionam como legitimadoras dos valores capitalistas, como o individualismo exacerbado e o consumismo, apresentados no início desta resenha.

O trabalho também contribui para um aprofundamento teórico, pois oferece o conceito de *habitus* fotográfico, o qual é central para se compreender, por exemplo, como as redes sociais funcionam como instrumentos de dominação social, ou seja, a fim de que se possa observar como o capitalismo financeiro padroniza fortemente as condutas em escala global.

Outra contribuição central do texto refere-se ao diálogo com a teoria crítica de matriz frankfurtiana, pois o autor consegue sustentar como ela pode ser utilizada em termos analíticos e normativos, ou seja, para demarcar as relações de dominação simbólica levadas a cabo pelo capitalismo atual e propor caminhos para a emancipação social. Cabe salientar, também, uma contribuição do trabalho para o campo da geopolítica do conhecimento, visto que a análise presente possui alcance global, ou seja, o autor produz teoria a partir da periferia.

Pondera-se, contudo, sobre o caráter normativo presente na obra. O autor poderia ter desenvolvido, no último capítulo, uma argumentação sobre como a fotografia pode ser usada como instrumento efetivo de emancipação social no mundo contemporâneo, ou seja, Silva poderia ter desenvolvido com maior profundidade as formulações clássicas de Cartier-Bresson e Robert Capa. Caso a exposição e o diálogo fossem adensados, seria possível constatar, de forma sistemática, como os sujeitos na esfera pública podem gerar mudanças sociais e inovações políticas através de um ativismo visual.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Z. 2001. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Zahar, 258p.
 BAUMAN, Z. 2008. *Vidas para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro, Zahar, 199p.
 DOMINGUES, J.M. 2013. *Modernidade global e civilização contemporânea: para uma renovação da teoria crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 442p.
 GIDDENS, A. 1991. *As consequências da modernidade*. São Paulo, UNESP, 177p.
 SILVA, S. L. P. da. 2020. *Gozo estética na cultura visual: fotografia, memória e alienação social*. Rio de Janeiro, Appris, 121p.

Submetido: 18/05/2021
 Aceite: 02/06/2021